

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E
BIBLIOTECONOMIA
JOSÉ FABIANO DA SILVA CAVALCANTE**

**MENSAGENS SUBLIMINARES E ESTUDO DE CASO DO
FILME “CLUBE DA LUTA”**

**GOIÂNIA – GO
2007**

JOSÉ FABIANO DA SILVA CAVALCANTE

**MENSAGENS SUBLIMINARES E ESTUDO DE CASO DO
FILME “CLUBE DA LUTA”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora, como exigência para a obtenção de título de Graduação do Curso de Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Orientação: Prof. Dr. Magno Medeiros.

**GOIÂNIA – GO
2007**

JOSÉ FABIANO DA SILVA CAVALCANTE

**MENSAGENS SUBLIMINARES E ESTUDO DE CASO DO FILME
“CLUBE DA LUTA”**

Monografia apresentada à Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo, aprovada em _____de _____de _____, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Magno Medeiros
Orientador

Membro

A todos aqueles que buscam o conhecimento como forma de construção do bem comum.

AGRADECIMENTOS:

Aos meus pais, Francisco e Sílvia, por seu amor e apoio tão importantes para minhas conquistas. Estendo minha gratidão ao Prof. Dr. Magno Medeiros, por seu auxílio e paciência e aos demais docentes da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás, pela dedicação à profissão e esforço em defesa do ensino público.

“O homem é o lobo do homem”
Thomas Hobbes (1588 - 1679)

RESUMO

Este trabalho aborda o conceito de mensagens subliminares, histórico de referências bibliográficas, primeiros experimentos publicados, o uso do recurso subliminar no filme “Clube da Luta”, de David Fincher, além de apresentar elementos teóricos sobre o processo de cognição, aliado aos conceitos da Psicanálise e Psicologia Social, no intuito de elucidar sobre o funcionamento das referidas mensagens e sua influência no comportamento humano. Duas pesquisas recentes, uma francesa, de 1998, realizada por pesquisadores do Serviço Hospitalar Frédéric-Joliot e outra brasileira, de 2007, realizada no Laboratório de Eletroencefalograma de Alta Resolução do Instituto de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), ambas com uso de equipamentos médicos com tecnologia de ponta e cooperação de voluntários, são apresentadas para comprovar a existência dos subliminares pela sua verificação no cérebro humano.

PALAVRAS-CHAVE

Subliminar, motivação, sedução, Inconsciente, cognição, percepção, Projeção, Gestalt, Semiótica.

ABSTRACT

This article discusses about subliminal messages, historic of bibliographic references, first published experiments, subliminal appearance in the film “Fight Club”, by David Fincher, and brings elements about the cognition process, allied to concepts of Psychoanalysis and Social Psychology in order to elucidate on the operation of these messages and their influence on human behavior. Two recent polls, one French, in 1998, carried out by researchers of Hospital Service Frederic Joliot, and another from Brazil, in 2007, held at the Laboratory of Hi-Resolution Eletroencefalographic at Instituto de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), both with the use of high-technology medical equipments and cooperation from volunteers, are presented to demonstrate the existence of the subliminal and his verification in the human brain.

KEYWORDS

Subliminal, motivation, seduction, Unconscious mind, cognition, perception, Psychological projection, Gestalt, Semiotics.

SUMÁRIO

Lista de Figuras	10
Introdução	11
1 - Primeiros relatos	14
2 - Abordagens, teorias e pesquisas	17
2.1 - Gestalt	19
2.1.1 - Cognição	20
2.2 - Semiótica	23
2.3 - Pesquisas	24
2.3.1 - Pesquisa francesa	25
2.3.2 - Pesquisa brasileira	26
3 - Estudo de caso no filme “Clube da Luta”	32
3.1 - Primeira ocorrência de subliminar	35
3.2 – Segunda ocorrência de subliminar	36
3.3 – Terceira ocorrência de subliminar	37
3.4 – Quarta ocorrência de subliminar	39
3.5 – Quinta ocorrência de subliminar	40
Considerações finais	44
Bibliografia	47
Anexo A	49
Anexo B	51
Anexo C	55

LISTA DE FIGURAS

1 – Aviso no início do filme	32
2 – Primeiro instante subliminar	36
3 – Segundo instante subliminar	37
4 – Terceiro instante subliminar	39
5 – Quarto instante subliminar	40
6 – Quinto instante subliminar	41

INTRODUÇÃO

Quem assiste à televisão freqüentemente, lê revistas de curiosidades ou acessa a Internet, com certeza já ouviu falar de mensagens subliminares. Muitos desconfiam da maneira catastrófica e sensacionalista com que o tema é abordado, outros ficam fascinados e procuram maiores estudos ou comentários sobre o assunto.

As mensagens subliminares são estímulos imperceptíveis captados de forma inconsciente e constituem um campo ainda carente de pesquisas e métodos de verificação de seus efeitos. Apesar de muito comentada em inúmeros artigos e sites na Internet, que alertam sobre influências malignas e manipulação das mentes, as pesquisas científicas realizadas até hoje não foram suficientes para comprovar sua eficiência no controle sobre atitudes e emoções. Há muita controvérsia nas opiniões sobre seus efeitos e várias teorias criadas se apóiam em conceitos da neurofisiologia, psicologia e semiótica.

Considera-se subliminar qualquer estímulo que não é percebido de maneira consciente, pelo motivo que seja: porque foi mascarado ou camuflado pelo emissor, porque é captado desde uma ocasião de grande excitação emotiva por parte do receptor, por desconhecimento dos códigos expressivos, porque se produz uma saturação de informações ou porque as comunicações são indiretas e aceitas de uma maneira inadvertida. (Ferrés, 1998, p.14.)

Sobre o desconhecimento do código, na citação acima, podemos questionar: Como se pode assimilar algo que não compreendemos? Uma mensagem subliminar escrita em uma língua desconhecida pode ter efeito sobre o indivíduo?

Uma das definições de escrita do dicionário *Aurélio* é que ela representa “qualquer sistema mnemônico usado para registrar mensagens ou fixar a memória de acontecimentos”. Nessa definição encontramos a mesma configuração que Freud deu ao aparelho psíquico exposto na *Carta 52* (Freud, 1896) como um sistema de registros de traços de memória e, conseqüentemente, a própria enunciação de Lacan do inconsciente estruturado como linguagem. Escrita e inconsciente estariam, em vista disso, indissociados, assim como seus representantes, o autor e o sujeito, estendendo-se ao leitor.

A leitura não consiste apenas na decodificação de signos, mas utilizar os vários sentidos e toda a capacidade de interpretação. Lemos quadros, propagandas, filmes,

gestos, pessoas, fotos, objetos. A palavra grega *legei* significa colher, juntar, pôr as coisas umas ao lado das outras.

Definida como ação, e não ato passivo, a leitura é um processo dinâmico. Tal é a dificuldade na conceituação de leitura, que Barthes e Compagnon (1987) assim definem o verbete leitura: "A palavra 'leitura' não remete para um conceito, e sim para um conjunto de práticas difusas". (BARTHES, COMPAGNON, 1987, p.184).

A verdadeira leitura consiste em atribuir significado ao escrito e depende diretamente das informações que o indivíduo já possui sobre o mundo, o seu estoque simbólico. A questão agora é como isso se processa no inconsciente.

O inconsciente é constituído pelos desejos, impulsos e tendências do psiquismo do indivíduo que estão fora do pensamento consciente, mas que podem produzir efeitos no mesmo. Na teoria de Freud, os desejos e instintos que se sobrepõe à vontade racional constituem o *id*, que é regido pelo princípio do prazer/desprazer e pelo pensamento primitivo. A parte captada pela influência da educação e do convívio social constitui o *superego*, representação das inibições do instinto pela autoridade externa interiorizada, expectativas morais do meio e expressão da imagem ideal que forjamos de nós mesmos. O *superego* é parte consciente e parte inconsciente, regido parte pelo pensamento primário e parte pelo pensamento secundário. Por último, temos o *ego*, de função reguladora. O *ego* atua como fonte de controle consciente, canaliza as energias incontroladas pelo *id* e equilibrando com as restrições que o *superego* impõe.

O inconsciente freudiano existe por causa de eventos passados, explicáveis por meio de mecanismos de repressão e coisas a eles associados, e não é, em princípio, inacessível. Ele é formado por processos reprimidos, exercendo pressão no componente consciente da mente e modelando a sua vida cotidiana. Contrastando com isso, há o *pré-consciente*, que inclui esses processos que se encontram fora da consciência, mas que pode facilmente tornar-se consciente sem técnicas especiais ou esforço. O que é inconsciente, porém, tem de ser "trazido à tona" através da técnica psicanalítica com a ajuda de um analista.

Há uma diferença importante a se considerar no estudo das mensagens subliminares. O que se toma com inconsciente em algumas obras, na grande maioria dos casos subliminares, se refere ao que está abaixo do que podemos perceber, ou seja, é "inconsciente" para o processo cognitivo: aquilo que o estado consciente não consegue captar e interpretar por estar fora do alcance, mas que teria influência no subconsciente.

As formas mais comuns de mensagens subliminares estão relacionadas à visão e a audição e podem ser divididas em seis categorias: inversão de figura / fundo; método de embutir imagens; duplo sentido; projeção taquioscópica; luz de baixa intensidade; luz e som de fundo.

Estudos recentes demonstram que a subliminaridade não começa em um ponto estático e invariável para qualquer receptor da mensagem, pelo contrário, a percepção de subliminares pode mesmo ser consciente dependendo do grau de destreza do receptor ou público. Os limites da percepção consciente variam de pessoa para pessoa.

A Psicologia diferencial diz que uma série de fatores devem ser considerados na variação da percepção, como sexo, idade, grau de instrução e nível cultural. O conjunto dessas variáveis é condicionante da subliminaridade e deve ser avaliado ao trabalhar com o assunto.

1 – PRIMEIROS RELATOS

De acordo com o livro *Subliminal Seduction*, de Wilson Bryan Key, de 1974, as primeiras referências de percepção subliminar vêm de Demócrito (400 a.C.), o filósofo grego, que afirmava que muito do que é perceptível, não é claramente percebido. Na obra *Timeu*, Platão aprofundou o conceito e Aristóteles detalhou em sua teoria dos umbrais da consciência na obra *Perva Naturalia*, há cerca de dois mil anos. Montaigne, e Leibniz, respectivamente em 1580 e 1698, falam sobre a existência de várias percepções inadvertidas que teriam conseqüências óbvias nas atitudes.

Ainda segundo Key, em 1934, R. M. Collier, em sua tese de doutoramento, fez um estudo experimental dos efeitos dos estímulos subliminares, no qual, após um longo e detalhado histórico com abundantes referências às pesquisas que o precederam, remontando ao trabalho de Leibniz, realizou uma experiência com um aparelho de projeções subliminares, o taquioscópio, que é um tipo de projetor de slides que projeta uma única imagem na velocidade de 1/3.000 de segundo.

Em 1964, Lloyd Silverman iniciou a publicação do que veio a ser uma extensa lista de artigos sobre seu “método de ativação psicodinâmica subliminar”, demonstrando que a tecnologia de projeção subliminar taquioscópica torna possível testar empiricamente hipóteses psicanalíticas. (Calazans, 1992, p.22).

Durante muitos anos, segundo Calazans, Silverman publicou artigos com resultados de suas pesquisas em diversas revistas científicas internacionais. Seus experimentos teriam sido usados para (sic) “tratamento clínico subliminar da obesidade, esquizofrenia, homossexualidade, etc”.

Ferrés, em sua obra *Televisão Subliminar*, considera que a influência da mídia não provém tanto de sua incidência sobre a razão, mas de seu apelo à emotividade. Este condicionamento se dá mediante a sedução. Para o autor, todos estes processos não são percebidos de maneira consciente pelo receptor, o que supõe que são as comunicações inadvertidas que provocam alguns efeitos mais profundos.

Ainda nessa obra, Ferrés relata o caso mais citado em todas as fontes que abordam o tema das mensagens subliminares: o experimento que James Vicary realizou na cidade de Fort Lee, New Jersey - EUA em 1956.

Vicary era dono de uma empresa independente de pesquisas motivacionais. Segundo informações próprias, foi colocado no cinema, ao lado do projetor do filme - cuja projeção é ao ritmo de 24 fotogramas por segundo – um taquioscópio, repetindo uma imagem (sobreposta ao filme) a cada cinco segundos para dar a ilusão de movimento.

Durante o filme “Picnic”, no Brasil intitulado “Férias de Amor”, Vicary utilizou o segundo projetor para emitir um slide com a frase “Drink Coke” e “Eat Popcorn” (traduzindo: “Beba Coca-cola” e “Coma pipocas”) numa velocidade de 1/3.000 de segundo. O slide era projetado sobreposto ao filme, rápido demais para ser percebido conscientemente, mas a repetição do sinal subliminar causava supostos efeitos no subconsciente do público, “aumentando, segundo ele, as vendas da Coca-Cola em 18,1% e 57,8% de pipocas”. (Bighetti, 2003, p.126)

Vicary não forneceu nenhum detalhe sobre o experimento, muito menos sobre os dados obtidos, mesmo assim a divulgação do fato provocou alarde na sociedade norte-americana, horrorizada com a possibilidade de terem sua vontade manipulada pelas indústrias.

Em 1963, em entrevista à revista *Advertising Age*, James Vicary admitiu que sua experiência ao ser repetida atingiu índices inexpressivos. E, principalmente, que ele, na época, precisava fazer algo para salvar a sua agência da bancarrota. Ou seja, ele mentiu. Mesmo assim, a lenda já estava arraigada na mente das pessoas. Diante dessa evidência, muitos se saíram com a teoria da conspiração. Ou seja, a de que Vicary fora forçado pelo poder da indústria da propaganda a contradizer seu experimento. (Bighetti, 2003, p.127)

Como podemos observar, o assunto dos subliminares é alvo de comentários hora alarmantes, hora descreditados, tudo por causa da dificuldade de comprovação científica do seu efeito.

O primeiro caso detectado de uso dos subliminares na propaganda em televisão foi em 1974, nos EUA, no comercial do jogo “Kusker Du”, onde a palavra “Compre-o” aparecia quatro vezes em fração de segundos sobre a imagem, fato que levou a Comissão Federal de Comunicação dos EUA a proibir a veiculação da mesma. O problema é que até hoje não existem critérios satisfatórios de avaliação da subliminaridade na publicidade em qualquer lugar do mundo.

No Brasil, foi aprovado em 27 de Agosto de 2003, na Comissão de Defesa do Consumidor, Meio Ambiente e Minorias o Projeto de Lei 5047/01, do deputado João Herrmann Neto, que alterou o Código de Defesa do Consumidor para proibir a

veiculação de propaganda contendo mensagem subliminar. Para Herrmann "Esse tipo de propaganda acaba afetando o comportamento do consumidor e induz ao consumo compulsivo".

O artigo 20 do Código de Ética dos Publicitários do Brasil, diz que as mensagens devem ser ostensivas e assumidas, assim como também o artigo 36 do Código de Defesa do Consumidor, que proíbe anúncios disfarçados e dissimulados.

Nos Estados Unidos, a empresa Llewellyn mantém no mercado desde 1985 um catálogo de vídeos contendo mensagens subliminares. Estas fitas são direcionadas aos usuários domésticos e não são exibidas nos meios de comunicação de massa devido a restrições legais. O conteúdo é destinado a pessoas que querem perder peso, parar de fumar, descarregar a agressividade, tratamento para depressão, dentre outros. Não existem estudos divulgados que comprovem o efeito das mesmas.

Há relatos, também nos EUA, de softwares de computador desenvolvidos por neurofisiologistas para gerar uma espécie de efeito de sugestão pós-hipnótica, aumentando supostamente a produtividade dos funcionários e promovendo bem estar no ambiente de trabalho. Esses softwares trabalham combinando cores e exibindo, de forma não perceptível, em flashes muito rápidos, frases como: "Amo meu trabalho", "Sou honesto", "Sou dedicado".

Muitas obras cinematográficas utilizam efeitos sonoros com conteúdo subliminar combinado com imagens para despertar sensações no espectador. Guinchos de porcos sendo abatidos, enxame de abelhas, uivo de lobos e até mesmo o silêncio são utilizados como recurso da engenharia de som, que combina os elementos criando um novo som, muito mais poderoso para despertar sensações de pavor, medo e angústia. Como exemplo, podemos citar os trabalhos no filme "O Exorcista", de 1973, que ganhou o Oscar de melhor trilha sonora pelas inovações utilizadas.

2 - ABORDAGENS, TEORIAS E PESQUISAS

Para Joan Ferrés há quatro fatores que impedem uma análise lúcida de si mesmo que provocam confusão nas considerações feitas sobre os efeitos da mídia: uma concepção errônea do homem como ser livre, uma concepção errônea do homem como ser racional, uma concepção errônea do homem como ser consciente e, finalmente, uma concepção errônea da objetividade da percepção humana. Estas são consideradas concepções errôneas por serem limitadas e parciais.

Os falsos mitos da liberdade, da racionalidade, da consciência e da percepção objetiva impedem a tomada de consciência da complexidade da experiência de ser telespectador e, em consequência, do extraordinário poder socializador da televisão, do alcance real de seus efeitos. (Ferrés, 1998, p.14).

Existe a concepção de que a liberdade humana consistiria na possibilidade física de se fazer o que se quer, o que se deseja. Esta liberdade, segundo esta concepção, seria limitada somente pela coação, adotando a forma de imposição ou de proibição, usando a força ou violência para obrigar o indivíduo a fazer o que não quer ou para impedi-lo de fazer o que deseja.

A liberdade humana, contudo, não se limita à opção de fazer o que não é proibido e ter liberdade de ir e vir. A liberdade interna, de escolher e avaliar o que é melhor, o chamado livre arbítrio é muito importante, pois não é livre aquele que pode fazer o que deseja se seus desejos são condicionados.

Para serem livres não basta às pessoas não sofrerem nenhum tipo de coação física, elas precisam saber escolher e ter comportamentos autônomos, independentes, baseados mais em convicções do que em imitações do que se aprendeu pelas convenções sociais ou seguindo sua emoção.

Não pode se considerar livre quem não é impedido de agir conforme sua vontade, mas é condicionado para que aja conforme se deseja. Os meios de comunicação agem com sutileza na coação psicológica e fazem isso pela sedução. Eles incidem sobre a vontade pela modificação ou a canalização interessada das emoções, dos sentimentos, dos desejos, dos temores.

A racionalidade humana também pode ser questionada em determinados momentos. O homem tem a capacidade de raciocinar, mas atua movido por impulsos inconscientes pouco ou nada racionais com maior frequência. O psicólogo austríaco Ernest Dichter, foi um dos pioneiros na investigação motivacional aplicada à publicidade e ao marketing e disse certa vez:

A racionalidade é um fetiche do século XX; nossa cultura não nos permite admitir a verdadeira irracionalidade como uma explicação de nossa conduta. E, no entanto, a maioria dos sistemas religiosos e políticos, assim como aspectos da conduta humana, tais como a lealdade, o amor e o afeto, são todos irracionais (E. Dichter, 1963, p. 49).

A percepção objetiva é limitada, uma vez que os sentidos são facilmente burlados quando as emoções e sentimentos influem. A consciência também age movida por estímulos ou impulsos inconscientes e nem todas as decisões humanas estão reguladas por mecanismos conscientes. Temos um exemplo interessante ao notar que uma mãe não acorda com barulhos “normais” (carros, tempestade etc.), mas desperta se ouvir o choro de seu filho doente. Esta é uma prova de que o cérebro humano é seletivo e que escolhe estímulos significativos após tê-los classificado previamente, utilizando para isso uma espécie de pré-percepção.

No livro *Propaganda Subliminar Multimídia*, Flávio Calazans relata que o Dr. Otto Pötzl, contemporâneo de Freud, formulou a Lei da Exclusão, que teria comprovado cientificamente a percepção subliminar, demonstrando por estudos de caso e por experiências documentadas que as informações dos sonhos são obtidas subliminarmente. Segundo essa lei tudo o que é excluído da percepção consciente é captado pelo subconsciente, compondo assim, os sonhos.

As pesquisas da equipe de Pötzl identificaram que os olhos fazem cerca de 100 mil fixações por dia, porém grande parte delas não é captada conscientemente, sendo que o que não foi fixado conscientemente fica armazenado no inconsciente. Pötzl teria provado, segundo Calazans, que sugestões pós-hipnóticas têm o mesmo resultado prático dos estímulos subliminares para alterar comportamentos.

No seu terceiro livro, de 1981, Wilson Key usa a fisiologia do olho humano para teorizar sobre a captação dos subliminares. A visão periférica, o canto do olho, seria responsável por esses registros visuais. A fóvea focaria a figura consciente enquanto a visão periférica captaria o fundo subliminar. Os bastonetes, sensíveis a estímulos fracos, captam preto-e-branco ao contrário dos cones, que captam cores. Partindo dessa teoria,

tudo conteria subliminares, que entrariam pela visão periférica, indo para o inconsciente.

2.1 - Gestalt

Com o objetivo de estudar a percepção do olho humano, foi desenvolvida no início do século XX, com participação de estudiosos alemães e austríacos como Max Wertheimer, Christian von Ehrenfels, Felix Krüger, Wolfgang Köhler e Kurt Koffka, a Teoria da Gestalt, traduzida para o português como “configuração”. Esta teoria propõe que o cérebro humano tende automaticamente a desmembrar a imagem em diferentes partes, organizá-las de acordo com semelhanças de forma, tamanho, cor, textura etc., que por sua vez serão reagrupadas de novo num conjunto gráfico que possibilita a compreensão do significado exposto.

Importante é ressaltar que a Gestalt afirma que não se pode ter conhecimento do todo através das partes, e sim das partes através do todo, ou seja, os conjuntos possuem leis próprias e estas regem seus elementos e não o contrário, como se acreditava anteriormente. Só através da percepção do todo é que o cérebro pode de fato perceber, decodificar e assimilar uma imagem ou um conceito.

A psicologia da Gestalt apresenta igualmente o conceito de figura e fundo como o mais antigo processo da percepção, quando um órgão sensorio focaliza e destaca um padrão de estímulo como figura, deixando o resto como fundo. Ora, as imagens cenotécnicas, dos cenários dos filmes, telenovelas e teatro são fundo, tal como a “música de fundo”. Todos esses elementos seriam um fundo subliminar. (Calazans, 1992, p.26).

A Gestalt toma como base cinco conceitos que dirigem a organização perceptiva. O conhecimento de cada um deles é fundamental para fechar a configuração.

1 - Proximidade: os elementos próximos no tempo ou no espaço tendem a ser percebidos juntos. Quanto mais próximos numa região tendem a ser tomados como um grupo, mais do que se estiverem distante de seus similares. Os meios de comunicação colocam sempre próximos o produto ou imagem a ser vendida com algo que lhe traga benefícios. A bebida, ao ser consumida, vem sempre acompanhada de mulheres, diversão, popularidade, etc.

2 - Similaridade/Semelhança: os elementos semelhantes tendem a ser vistos como pertencentes a uma mesma estrutura. Pode acontecer na cor dos objetos, na textura e na sensação de massa dos elementos ou na vinculação da imagem de uma pessoa de sucesso a um produto, como garantia de qualidade e reconhecimento.

3 - Experiência passada: familiaridade com determinados objetos no processo perceptivo. Algumas formas só podem ser compreendidas se tivermos consciência de sua existência. Uma experiência passada favorece a compreensão associativa: se já tivermos visto a forma inteira de um elemento, ao visualizarmos somente uma parte dele reproduziremos esta forma inteira na memória.

4 - Direção: tende-se a ver as figuras de maneira que a direção continue de modo fluido. Os elementos harmônicos produzem um conjunto harmônico. A boa continuidade está ligada ao alinhamento, pois dois elementos alinhados passam a impressão de estarem relacionados.

5 - Disposição objetiva: continua-se a ver o mesmo tipo de organização, mesmo quando os fatores de estímulo que levaram à percepção original estejam ausentes. A mídia, através da repetição da propaganda promove a associação da marca do produto com determinada personagem do comercial ou com uma situação ali presente. Depois de certo tempo, a imagem daquela pessoa ou ocorrência daquela situação irá promover a lembrança da propaganda, e conseqüentemente do produto. O exemplo citado, apesar de ser parte da publicidade, pode ser aplicado em outros procedimentos motivacionais.

2.1.1 - Cognição

A cognição é um processo relevante para entendermos a comunicação. Os gestaltistas a consideram como um “ato de conhecimento” que começa na percepção. A organização fenomenal dos estímulos que nos atingem é o que constitui o que se chama, então de cognição, que é seletivamente organizada:

1 – O indivíduo vê os objetos organizados, que têm cor, forma e volume, reconhecendo como significativos.

2 – Entre todos os objetos no ambiente físico do indivíduo, somente alguns entram em suas cognições do mundo exterior, outros não são incluídos ou têm papel secundário.

3 – Entre todas as características possíveis de um objeto, percebem-se unicamente algumas, as quais se ajustam às necessidades do indivíduo.

Com o intuito de influenciar as escolhas do indivíduo, o produtor de uma mensagem ou imagem produzida com esse objetivo, monta associações que acabam sendo significativas para o receptor, por suprir necessidades e expectativas.

Os fatores de estímulo e os fatores pessoais compõem os determinantes básicos em cada organização cognitiva. Os estímulos derivam da natureza do objeto estimulador externo e são considerados nos quesitos frequência, intensidade, movimento/mudança e número. Uma mensagem repetida com mais frequência tem maior probabilidade de chamar a atenção do indivíduo que se mencionada raramente. Um estrondo, cores fortes ou até mesmo um grito, chamam mais atenção que as coisas de menor intensidade. Objetos em movimento e cenas inusitadas, que trabalham com a fantasia, têm maior poder atrativo que objetos estáticos. Quanto ao número, mais objetos implicam em maior seleção.

Fatores pessoais atuam limitando o número de objetos que podem ser percebidos em certo momento – alcance e apreensão; sensibilizam seletivamente os mecanismos perceptuais do indivíduo e reduzem seu limiar de reconhecimento e atenção a objetos importantes do estímulo a aspectos do objeto; podem deformar as cognições de objetos importantes, a fim de ajustá-los às exigências do indivíduo.

Os meios de comunicação usam estes princípios para manipular o sujeito e sua forma de conhecer objetos, alterando o seu relacionamento com o meio em que está inserido.

A sensibilização eletiva também diz respeito aos fatores pessoais, como a predisposição mental do indivíduo para escolher, reconhecer e observar este ou aquele objeto. De forma complexa, as predisposições mentais podem influir no destaque de um dentre os muitos sentidos alternativos de um objeto. Desta forma, os mesmos objetos podem ter sentidos diferentes para determinadas pessoas.

A psicologia analítica de Carl Gustav Jung compara a consciência a um holofote, o qual pode ser mirado para a posição de preferência, o que deixaria na escuridão tudo que não fosse focado, entretanto as coisas não focadas não deixam de existir e estão adormecidas, podendo aparecer a qualquer momento. Isso corresponde às mensagens subliminares. Segundo Calzans, Jung dividiu a psique humana em três níveis:

- A consciência.

- O inconsciente pessoal: constituído de informações que perderam intensidade ou foram esquecidas e as que não chegaram ao consciente (subliminar e que não estão amadurecidas).
- O inconsciente coletivo: informações que todos os seres humanos já não se lembram.

O subliminar está relacionado com o inconsciente pessoal, assim como as informações que não estão amadurecidas para chegar ao consciente. Jung afirma que as intuições que influenciam em nossas decisões seriam frutos de conteúdos do inconsciente. Toda informação não focalizada com interesse seria um fundo diferenciado, como uma espécie de ruído subliminar acumulado na sombra do inconsciente pessoal, que alimentaria intuições.

Entender o processo cognitivo é de total importância para desvendar a dinâmica envolvida na captação de qualquer tipo de mensagem. A forma com que a memória operacional age sustentando o ato da cognição por tempo suficiente para que as informações sejam retidas pela memória de longa duração, permitindo simultaneamente o gerenciamento de atividades correntes de cognição, entre elas a atenção e suas diferentes formas, sofrem influência de fatores externos, como estímulos visuais subliminares ou convencionais, e de fatores internos como os níveis de neurotransmissores, hormônios e outras substâncias neuroativas ou das próprias emoções desencadeadas por estímulos internos e externos.

Devido a essas influências, as tarefas de cognição, especialmente as relacionadas à atenção, são susceptíveis a alterações e interferências emocionais mensuráveis quantitativamente, de modo a fornecer um perfil de resposta de indivíduos, com variação de desempenho cognitivo de acordo com seu estado emocional.

Segundo Le Doux, (2001), a emoção e cognição parecem atuar de forma não consciente, mas somente o resultado da atividade cognitiva e emocional é percebido conscientemente; os materiais e estímulos absorvidos que não ganham forma de conteúdos conscientes poderá ser armazenado e depois mais tarde passar a influenciar o pensamento e o comportamento.

Segundo estudos sobre o funcionamento do cérebro o hemisfério direito do cérebro é responsável pelas ações, enquanto o hemisfério esquerdo tende a explicar com alguma situação relevante que se encaixe no movimento. Le Doux diz que comportamentos muitas vezes são atitudes sem consciência de suas razões, pois são

produzidos por sistemas cerebrais de atividades não conscientes, visto que uma das principais tarefas da consciência é fazer da nossa vida uma história coerente.

Cabe ao cérebro montar a coerência dando explicações para nosso comportamento, baseando-se em nossa auto-imagem, em nossas lembranças, expectativas futuras, situação social e meio ambiente físico onde se produz o comportamento, logo, podemos considerar que grande parte da vida mental humana acontece fora dos limites da percepção consciente e uma série de fatores devem ser levados em consideração quando se estuda efeitos cognitivos.

A partir de 1980, tornou-se necessário unir neuropsicologia e psicologia para estudar novas possibilidades. O encontro entre as duas áreas proporcionou que abrissem um canal de comunicação. Em decorrência disso, surgiram eventos, publicações e pesquisas em conjunto. Essa parceria, denominada Neuropsicologia Cognitiva, ajuda a suprir a demanda de produções a partir da troca de informações, material teórico e experiência clínica.

2.2 - Semiótica

A Semiótica é a ciência que estuda todos os fenômenos culturais como se fossem sistemas de significação. Ela analisa o estudo do processo de representação, na natureza e na cultura, de um conceito ou idéia. Ao contrário da lingüística, que se restringe ao estudo do sistema sígnico da linguagem verbal, a Semiótica tem por objeto qualquer sistema sígnico, sejam eles artes visuais, música, cinema, religião, ciência, etc.

Segundo a semiótica de Peirce, com bases teóricas de David Hume, são considerados dois tipos de pensamento: por contigüidade e por similaridade, gerando dois eixos.

O primeiro eixo, o sintagmático, é formado pela contigüidade, por conceitos, símbolos, verbal, lógico e hierárquico. O segundo eixo, o paradigmático, é formado pela similaridade, por modelo, ícone, não-verbal, analógico e anárquico. O eixo paradigmático é a região icônica do pensamento inconsciente, o subliminar icônico. A decodificação de uma imagem é global e instantânea.

... com base na semiótica, pode-se concluir que o ícone ou o signo analógico é o tipo de mensagem mais adequada à velocidade ou quantidade de informação subliminar, ainda mais que a linguagem do inconsciente por si só já é naturalmente icônica. (Calazans, 1999, p. 34)

Se relembrarmos o caso clássico de experimento de James Vicary notaremos que ele não usou ícones, mas sim palavras, o que não seria tão eficiente na comunicação com o inconsciente, visto que a própria teoria do subliminar sugere a maior quantidade de informação em um menor número de tempo.

A semioticista Lúcia Skromov critica a apropriação indevida da semiótica para corroborar as teorias da mensagem subliminar. Para Lúcia “a semiótica é a ciência da interpretação e estabelece como a linguagem se produz através dos signos. Se existe uma mensagem subliminar, é porque existe uma linguagem, que precisa ser descoberta. A semiótica ainda não se dedicou a descobrir a linguagem subliminar” (Klebis, 2007).

A teoria da semiótica diz que a característica básica do signo é a de poder representar coisas ou objetos, logo, para captar a linguagem produzida pela mensagem é preciso conhecer um repertório de signos. Nas mensagens subliminares nem sempre é possível entender esses signos, por não fazerem parte da nossa cultura ou daquilo que compreendemos, porém, se levarmos em conta os signos que um indivíduo já assimilou, teremos a possibilidade de uma representação de um conteúdo em um objeto, que seria uma espécie de gatilho para a mente processar toda a informação a que este se refere, possibilitando a fórmula do modelo subliminar, que leva em conta o maior número de informação no menor número de tempo.

$$\text{SUBLIMINAR} = \frac{\text{QUANTIDADE DE INFORMAÇÃO}}{\text{QUANTIDADE DE EXPOSIÇÃO}}$$

2.3 – PESQUISAS

Atualmente as pesquisas com subliminares envolvem um sofisticado aparato tecnológico, teórico e multidisciplinar. O critério de seleção dos indivíduos, bem como

uso do que há de mais moderno em eletroencefalografia, além de um ambiente e profissionais adequados, tornam a tarefa um tanto custosa.

Nas obras sobre subliminares pesquisadas, foram relatados experimentos do início do século XX, como os trabalhos de Otto Pötzl relacionando as informações subliminares manifestadas no conteúdo de sonhos recorrentes, a tese de doutorado de R. M. Collier, em 1934, com um estudo experimental dos efeitos dos estímulos subliminares, remontando ao trabalho de Leibniz, utilizando um taquiscópio, além das pesquisas de Lloyd Silverman, a partir de 1964, testando hipóteses psicanalíticas com uso de projeção subliminar taquiscópica. O clássico experimento de James Vicary, que instalou um segundo projetor na sala de cinema, nos EUA, em 1956, está presente em praticamente todas elas.

Na literatura sobre mensagens subliminares traduzidas para o português não temos dados sobre as pesquisas, apenas uma menção de algumas como prova de existência e verificação dos efeitos subliminares.

Estudos simples sobre percepção subliminar foram realizados no final do século XX nos Estados Unidos. Em um deles, os pesquisadores mostravam aos voluntários fichas com letras ou figuras geométricas a uma distância tão grande que, quando perguntados sobre o que viam, todos diziam que não conseguiam distinguir nada além dos borrões, depois pediam as pessoas que tentassem reconhecer, em um questionário de múltipla escolha, as figuras que haviam sido mostradas. Como o nível de acerto era maior do que o que seria obtido ao acaso, os pesquisadores concluíram que as pessoas haviam sido afetadas pelas imagens (Merikle, 1992).

2.3.1 – PESQUISA FRANCESA

Na França, em 1998, um estudo em conjunto entre pesquisadores do Serviço Hospitalar Frédéric-Joliot (SHFJ, do CEA), do INSERM e do CNRS, conseguiu detectar a percepção física, pelo córtex cerebral, das mensagens subliminares visuais. Doze pessoas submeteram-se à experiência, enquanto 128 eletrodos registravam a atividade elétrica de seu córtex cerebral (EEG).

Nove outros voluntários passaram pelo mesmo teste, monitorados por um método sensível às variações do fluxo de sangue no cérebro utilizando ressonância

magnética, que mostra quais são as zonas cerebrais ativadas, enquanto o eletroencefalograma (EEG) detalha sua seqüência temporal.

O teste era realizado da seguinte forma: uma seqüência de letras era mostrada, logo em seguida um número. A pessoa avaliada informava se o número visto era maior ou menor que 5 (cinco). Misturado à seqüência de letras era exibido um número, durante um instante de tempo que o torna imperceptível à visão por ser rápido demais (43 milésimos de segundo).

Foi constatado que a presença do número subliminar, apesar de absolutamente inconsciente, influenciava todo o processamento efetuado pelo cérebro para responder a pergunta, pois quando ambos os números eram superiores ou inferiores a 5, o tempo de resposta era mais curto.

Se fosse exibido um número 9 subliminarmente antes de um 3 visível, o tempo de resposta prolongava-se por um período extremamente curto (24 milissegundos em média). Essa fração de segundo pode parecer insignificante, mas segundo Stanislas Dehaene, do SHFJ, “Esse atraso mínimo se manifesta sempre que os dois números propiciam respostas contraditórias”, o que é relevante estatisticamente.

Ao verificar as zonas cerebrais ativadas pela passagem da imagem subliminar os pesquisadores constataram que eram exatamente as mesmas que entraram em ação para processar a informação sobre o número consciente. Apesar do resultado, Stanislas esclarece não haver risco desse tipo de mensagem ser usada para manipulações inconscientes e arbitrárias “Porque o impacto delas sobre o cérebro é tão breve que não precisamos temer que haja aplicações práticas eficazes”, ou seja, o nosso consciente teria tempo de entrar em ação e avaliar os atos.

2.3.2 – PESQUISA BRASILEIRA

Foi com muita surpresa e orgulho que, no momento da produção dessa monografia, tivemos contato com uma pesquisa experimental nacional, realizada no Laboratório de Eletroencefalograma de Alta Resolução do Instituto de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP). O material foi publicado no fim do mês de julho de 2007 no site *Ciências & Cognição*,

(www.cienciasecognicao.org) demonstrando a aplicação da preparação subliminar e seu efeito na consciência e cognição.

O objetivo do experimento foi avaliar qual é a influência de estímulos visuais afetivos, através de imagens selecionadas, na cognição em termos de atenção humana. Buscou-se estudar, medir e avaliar a influência desses estímulos de forma supraliminar e subliminar sobre a cognição.

No experimento realizado na USP, três tarefas experimentais foram realizadas por 35 indivíduos em laboratório de neuropsicologia: a tarefa base onde se testou à detecção de alvo visual simples, e a mesma tarefa de base, porém com estímulos distratores aversivos (imagens catalogadas) intercalados, de forma supraliminar ou subliminar (500 ms ou 50 ms de duração), em blocos aleatorizados entre os indivíduos. Calcularam-se índices de detectabilidade e critério de resposta, que serviram para a comparação estatística entre condições (medidas repetidas).

A pesquisa buscou:

a) Estudar os efeitos da informação de conteúdo afetivo, apresentado de forma supraliminar e subliminar, sobre o desempenho de tarefas cognitivas, particularmente a atenção;

b) Realizar um experimento em ambiente controlado, submetendo indivíduos a testes de atenção sob efeito de pré-estimulação supraliminar e subliminar com estímulos visuais de conotação aversiva repulsiva, colhidos do *IAPS (International Affective Picture System)*, Lang; Bradley & Cuthbert (1999);

c) No caso de afetar a cognição seria verificado se os estímulos subliminares ou supraliminares tinham efeitos iguais ou diferentes;

d) Se eles fossem diferentes, se verificaria a influência da ordem das tarefas isto é, se a prévia estimulação subliminar acentuaria os efeitos da estimulação supraliminar.

O uso de subliminar foi escolhido como meio de pré-ativação, que é uma forma não consciente ou involuntária de memória que se dá através da identificação perceptiva de palavras e objetos e que somente mais recentemente foi reconhecida como separada das outras formas ou sistemas de memória.

A pré-ativação subliminar é utilizada em tarefas onde a memória para a informação prévia não é requerida e é comprovadamente um fenômeno não consciente. (Borine, 2007, p.5)

Uma quantidade de informação, dividida pelo tempo de exposição é a definição de pré-ativação. O termo é utilizado quando um sujeito é preparado com uma breve exposição preliminar de um estímulo (que pode ser imagem, som, símbolos, objetos) antes de medir seu desempenho em um teste/tarefa.

O uso da pré-ativação poderá ser apresentado na forma de estímulos com exposição suficiente para a percepção em nível consciente como pré-ativação supraliminar ou em exposição insuficiente para a percepção da consciência como a pré-ativação subliminar.

Os pesquisadores da USP combinaram a pré-ativação subliminar com a supraliminar com intuito de verificar a possibilidade de alguma espécie de dado que pudesse dar indícios de como se processa a consciência diante de estímulos combinados. O experimento foi desenvolvido com a intenção de testar os sujeitos em sua capacidade de atenção quando submetidos ou não a estímulos visuais, (imagens com sugestão de conteúdo repulsivo e aversivo) para isso foram utilizadas imagens selecionadas do *IAPS (International Affective Picture System)*, que foram testadas em laboratório.

Para realização do experimento, foram escolhidas 35 (trinta e cinco) pessoas saudáveis de ambos os sexos, com idade entre 23 e 49 anos, visão normal ou corrigida para normal, sem doenças neuropsiquiátricas, abuso de álcool ou drogas e não fazendo uso de medicamentos. Cinco indivíduos que tiveram os piores resultados foram eliminados, restando 30, na proporção de 50% homens e mulheres.

Os materiais utilizados foram:

- Um programa comercial de computador (*Stim, Neurosoft Inc.*)
- Um computador com visor e dispositivo com dois botões para indicação do alvo com os dedos da mão.
- Estímulos visuais, imagens de fotos, colhidas do *IAPS (International Affective Picture System)* criados pelo *NIMH (Center of the study of emotion and*

attention) laboratório da Universidade da Flórida; imagens coloridas selecionadas com conteúdo afetivo aversivo e repulsivo, Lang, Bradley, & Cuthbert (1999 - 2005).

Dois tipos de teste foram realizados com o uso do computador no controle do experimento. No primeiro, os estímulos visuais que compunham os pares de “dica-alvos” consistiam em pequenos retângulos (S1 e S2), o primeiro deles exibido durante 100 mili segundos (0,1 s), e o outro, durante 17 ms (0,17 s), ou seja, muito rápido. Em metade dos testes, o segundo retângulo continha um círculo cinza, que era o alvo da tarefa. Um ponto de fixação para os olhos aparecia continuamente no centro da tela do computador, bem como um fundo para mascarar estímulos, com o intuito de impedir imagens posteriores.

O primeiro retângulo era seguido pelo segundo, com inícios separados no tempo por 1,6 segundo. Os indivíduos do teste foram instruídos que um retângulo seria apresentado para indicar que 1,6 ms depois ele acenderia novamente, porém com maior rapidez, contendo ou não o círculo-alvo. O indivíduo decidiria se havia dentro um retângulo S2, e indicaria a presença do alvo pressionando o botão direito com o polegar direito, ou a ausência do alvo pressionando o botão esquerdo com o polegar esquerdo. Omitiu-se deliberadamente nas instruções o tempo de reação e mediu-se o desempenho exclusivamente pela porcentagem de testes corretos, do total de 96 rodadas ou testes que compunham o experimento.

No segundo teste, foi realizada em um bloco orientado de modo randomizado, uma quantidade de sujeitos praticamente 50% do total geral e 50% entre sujeitos masculinos e femininos. Com o primeiro grupo, realizou-se a tarefa subliminar e a outra quantidade de sujeitos realizou primeiramente a tarefa supraliminar, ou seja, a que era perceptível conscientemente.

Foram inseridos 104 pares de retângulos de uma rodada entre as tarefas. A diferença foi à duração dos estímulos onde o tempo do subliminar foi de 50 ms e o supraliminar foi de 500 ms. Para todos os sujeitos que realizaram o experimento foram feitas cinco perguntas depois de dadas todas às informações e instruções necessárias para a realização do mesmo:

- 1- Como você está se sentindo? (Pergunta efetuada antes da realização das tarefas no laboratório).

- 2- Como você está se sentindo? (Pergunta efetuada depois da realização de todas as tarefas no laboratório).
- 3- Você viu alguma coisa durante a tarefa que realizou? (Tarefa realizada com a exposição de estímulos subliminares das imagens do catálogo *IAPS*).
- 4- Qual a tarefa mais difícil para você?
- 5- Qual a tarefa que você menos gostou?

Grande maioria respondeu que estavam bem no início das tarefas, mas ao serem questionados no final do experimento, disseram não se sentiam tão bem. Alguns reportaram mal humor diretamente devido as imagens, consideradas pela maioria “ruins e pesadas”. Quando questionados em relação a haver percebido algo além dos estímulos neutros, na tarefa dos estímulos subliminares, a grande maioria respondeu que não viu nada, apenas brilhos, pedaços de figuras, ou algumas cores.

A maior parte dos indivíduos (60 %) disse que não gostou da primeira tarefa (tarefa base), considerando que o alvo era apresentado muito rapidamente (17ms). A maioria dos sujeitos considerou ter mais dificuldade com a tarefa de base e na tarefa SUPRA. O número de acertos quando se detectava ou não o ponto no interior do retângulo foi diferente entre homens e mulheres. As mulheres foram mais prejudicadas no desempenho e mais afetadas, segundo seus próprios relatos.

A detecção do alvo foi levemente inferior nas duas condições de interesse (SUB e SUPRA), comparadas com a condição base, mas não significativamente. Todos os sujeitos realizaram a primeira tarefa de base de atenção sem os distratores afetivos aversivos (imagens). Os fatores escolaridade e idade, o fator stress e visão defasada, não controlados no estudo, podem ter contribuído para o desempenho insuficiente de algumas pessoas.

Os pesquisadores notaram uma mudança significativa do índice “critério”, indicando uma mudança de estratégia na presença de distratores subliminares aversivos. Concluiu-se que a tarefa subliminar fez um efeito “destruidor ou devastador” na tarefa supraliminar, anulando o efeito da última se realizada logo após, cometendo menos falso-alarmes protegendo a tarefa supraliminar, tendo um efeito “protetor”. Os

resultados foram discutidos no contexto da relevância de influências emocionais sobre o comportamento.

Quem começou pela tarefa subliminar cometeu menos falso-alarmes nas duas tarefas de interesse. Isso significa que tal grupo de sujeitos, na ausência do alvo, rejeitou corretamente relativamente mais que o outro grupo. Além disso, quem iniciou pela tarefa SUB, “protegeu-se” na tarefa SUPRA a seguir, cometendo menos falso-alarmes nessa também. Ao contrário, quem começou pela SUPRA, parece haver sofrido efeito “devastador”, isto é, já cometendo relativamente mais falso-alarmes, e surpreendentemente, mantendo esse desempenho relativamente pior na tarefa SUB que realizaram a seguir.

Os resultados encontrados na pesquisa confirmaram experimentos anteriores, onde se verificou que as emoções, atitudes, objetivos e intenções podem ser ativados sem a participação da consciência e podem influenciar o modo de pensar e agir dos indivíduos nas situações sociais.

Foi verificado que a estimulação subliminar afetou o desempenho na tarefa de atenção, porque a mudança de critério dos sujeitos que iniciaram primeiramente a tarefa subliminar em relação à próxima tarefa, a supraliminar, demonstraram uma modificação significativa do índice critério. Também foi demonstrado neste estudo que os estímulos utilizados do *IAPS*, quando apresentados de maneira subliminar ou supraliminar, têm efeitos distintos.

3 - ESTUDO DE CASO NO FILME “CLUBE DA LUTA”

O filme “Fight Club”, de David Fincher (EUA, 1999), estreou no mesmo ano no Brasil intitulado “Clube da Luta” e causou polêmica por apresentar muitas cenas de violência. Um crime ocorrido em São Paulo, no Shopping Morumbi, na sala de cinema onde o filme era apresentado, contribuiu para chamar a atenção para a obra. O estudante Mateus da Costa Meira, armado com uma submetralhadora, atirou aleatoriamente contra os espectadores, matou três pessoas e feriu várias outras. Logo se relacionou a obra cinematográfica como inspiração para o assassinato, mas posteriormente o atirador informou que ainda não tinha assistido ao filme. Polêmicas à parte, o seu conteúdo é, sem dúvidas, inquietante e desperta muitas reflexões.

Baseado no livro “Fight Club”, publicado em 1996 e escrito pelo jornalista norte-americano Chuck Palahniuk, a obra hollywoodiana traz um nome e cartazes promocionais que sugeriam mais um filme de violência explícita, sem muita coisa para dizer, mas no decorrer dos fatos vemos que há uma relação de metáfora entre a luta como agressão física e uma luta interior, de valores, de instinto.

No início do filme lemos um aviso assinado por um tal Tyler, que posteriormente conheceremos como uma figura de pensamento anárquico e anti-consumista. Um homem que forma um clube onde os participantes socam uns aos outros em busca de significado para a vida e evolui para uma espécie de milícia de simpatizantes vândalos com idéias anti-capitalistas.

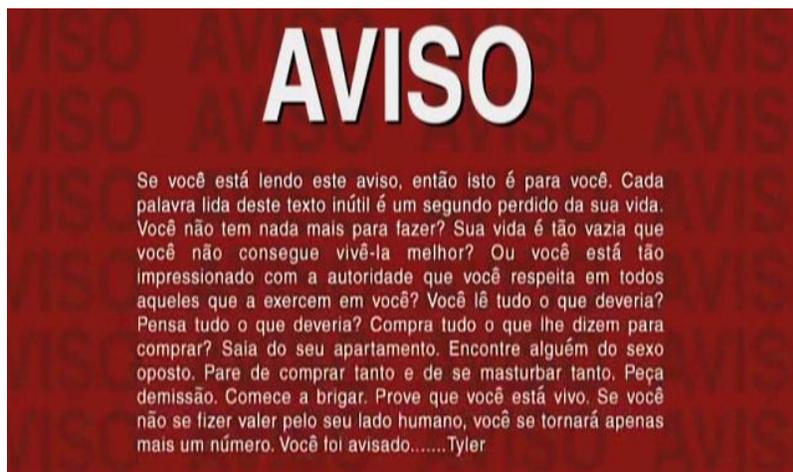


Figura 1 – Aviso no início do filme (Antes dos créditos iniciais)

A trama central de “Clube da Luta” refere-se aos distúrbios emocionais de Jack, personagem de Edward Norton, que trabalha em uma empresa automobilística, mais precisamente analisando dados sobre acidentes e pedidos de indenização. Jack sente-se vazio e sua vida não tem grande significado para si mesmo, que tenta preenche-la de alguma forma, seja com pornografia ou consumindo bens materiais inúteis.

A rotina de viagens a trabalho e as crises de insônia lhe provocam uma espécie de despersonalização. Todos os atos tornam-se automáticos. Em busca de uma cura para a insônia, Jack vai ao médico que lhe nega receita de psicotrópicos, indicando ervas naturais e exercícios físicos além de sugerir (sic) uma visita ao grupo de apoio às pessoas com câncer nos testículos.

Jack descobre que consegue dormir ao liberar suas emoções chorando com o sofrimento alheio. A busca por alívio nos grupos de pessoas doentes torna-se um vício e uma necessidade para o sono. “Toda noite eu morria, toda noite eu renascia” (Jack, Clube da Luta).

Freqüentando estes locais de terapia de grupo, conhece Marla Singer (Helena B. Carter), uma mulher infeliz, de visual *dark* e comportamentos auto-destrutivos em busca de atenção. Ela tinha como filosofia de vida o fato de poder morrer a qualquer momento. A tragédia, segundo ela mesma, é que não morria. Assim como Jack, Marla não está doente e chorar perto de outra farsante era impossível. A presença dela o incomodava porque a mentira de um refletia a do outro. Diante deste impasse, após discutir e trocarem ameaças, resolveram dividir os dias e grupos para não se encontrarem.

Em uma viagem de avião, onde tudo é passageiro e a comida vem em porções únicas, Jack conhece “o amigo descartável mais interessante”, Tyler Durden (Brad Pitt), um homem que critica a cultura de consumo, fabrica sabonetes artesanais com gordura humana (retirada de clínicas de lipoaspiração) e muito sincero em suas impressões.

Após a misteriosa explosão de seu apartamento luxuoso, Jack passa a morar com Tyler em uma casa abandonada, caindo aos pedaços. Da amizade entre o educado e reprimido Jack e o subversivo Durden, surge o Clube da Luta, organizado de forma secreta, onde homens se esmurram para liberar suas tensões, seu instinto viril e animalesco. É nesse clube que um número cada vez maior de freqüentadores, contrariando a regra imposta por Tyler de não falar sobre o local, passam de consumidores a produtores, mesmo que seja de hematomas e dor. Essa experiência lhes proporciona uma nova razão para a existência.

O clube, que começou com Jack e Tyler, se espalhou por várias cidades do país. Seus freqüentadores estavam ligados apenas pela causa. Cozinheiros, garçons, motoristas, seguranças, advogados, dentistas. Todos buscando uma razão para uma vida com mais sentido e emoção, passam a ser manipulados por Durden, que os incentiva a se rebelarem contra o sistema.

Esta é uma organização fechada com muitas células operando independente do comando central. Você está atrás de pessoas que você depende. Nós cozinhamos, limpamos e fazemos suas ligações, dirigimos sua ambulância e olhamos por você enquanto dorme. (Tyler Durden, Clube da Luta)

Interessante é notar as referências aos problemas abordados pela psicanálise neste filme. A primeira vez em que Jack consegue chorar é abraçado junto aos seios que um grandalhão adquiriu após tomar hormônios masculinos que lhe custaram a retirada dos testículos por causa do câncer. O cineasta usou a figura do seio materno, fonte de conforto e alimento, para o momento: “Ficar ali, pressionado contra os peitos dele, eram minhas férias” (Jack, Clube da Luta).

As críticas à sociedade do consumo e a figura da castração podem ser relacionados ao desamparo dos alienados (ou desalienados) ante a vida real, que “castra” os sonhos que ela dissemina ao vender imagens de sucesso e admiração que são inatingíveis à maior parte das pessoas.

A propaganda põe a gente para correr atrás de carros e roupas. Trabalhar em empregos que odiamos para comprar merdas inúteis. Somos uma geração sem peso na história, sem propósito ou lugar. Não temos uma Guerra mundial, nem grandes depressões. Nossa guerra é a espiritual. Nossa Depressão são nossas vidas, fomos criados através da televisão para acreditar que um dia seríamos milionários ou estrelas de cinema. Mas nós não somos. Aos poucos vamos tomando consciência disto. E estamos muito putos. (Tyler Durden, Clube da Luta).

Jack teve uma infância atormentada pela separação dos pais. Durante uma conversa com Durden, ele admite que queria lutar com seu pai. Seu interesse por Marla é reprimido e somente seu lado mais obscuro, representado por Tyler Durden, que ele nega e que só depois é revelado ser o seu alter ego, se relaciona com ela. Sexo como instinto animal.

Várias inserções subliminares estão presentes em “Clube da luta”, todas elas são notáveis como uma alteração em uma pequena parte da imagem e rápidas demais para

serem identificadas. Apesar de notá-las, só conseguimos identificar o conteúdo da imagem reduzindo a velocidade, passando um quadro a cada 0,06 segundos.

Os subliminares são exibidos no contexto da narrativa fílmica e auxiliam no processo de significação (considerando que o essas mensagens tenham efeito). Toda a situação exibida e captada de forma consciente foi construída de forma a convencer que Jack e Tyler são indivíduos diferentes, enquanto as imagens subliminares combinadas ao diálogo sugerem que Tyler é parte da mente perturbada de Jack.

3.1 - Primeira ocorrência de subliminar

Neste trecho, Jack relata seu problema de insônia e a sensação de que nada mais no mundo parece real. Ficar sem dormir provocou nele uma sensação onírica constante. Um estado semi-desperto ou semi-dormente seguido de lapsos de memória.

O diretor utilizou o recurso de flashback para explicar acontecimentos e é a partir daí que conhecemos a personagem principal e seus problemas pessoais.

No momento em que ele diz que “tudo é uma cópia, de uma cópia...” a câmera está focalizando uma fotocopadora e é ao seu lado, inserida subliminarmente, que surge a imagem de Tyler. A componente subliminar soma-se aos recursos da narrativa convencional para compor o significado que remete ao fenômeno de projeção de Jack em seu alter ego (do latim alter = outro ego = eu; pode ser entendido literalmente como outro eu).

Tyler não é uma cópia de Jack, mas representa seu *eu* inconsciente, mesmo que ele próprio negue, é algo que partiu de si mesmo, do seu momento e de suas aspirações.

Tempo	Movimento Câmera	Descrição da Cena	Diálogos (Áudio)
04':03''	Primeiro Plano	Jack Ergue os olhos e vê o escritório.	
04':05''	Plano Geral	Pessoas trabalhando	Off de Jack: Tudo fica distante, é uma cópia de uma cópia.
04':08''	Primeiríssimo Plano	Subliminar: Tyler Durden apoiando-se ao lado da	

		máquina de fotocópias com jaqueta de couro.	
--	--	--	--



Figura 2 – Primeiro instante subliminar (velocidade aproximada de 0,06 segundos)

3.2 - Segunda ocorrência de subliminar

Jack vai ao médico e pede remédios para combater a insônia, mas não consegue, mesmo dizendo que tem dormido e acordado em lugares diferentes sem se lembrar de como chegou lá (catalepsia). Para o profissional o que ele precisa é sair da rotina sedentária, praticar exercícios físicos e usar alternativas naturais para se curar.

Ao reclamar sobre seu sofrimento, o médico lhe sugere ir aos encontros do grupo de apoio aos homens com câncer nos testículos, na Igreja Metodista, as terças à noite. O grupo se chama “Ainda somos homens”, uma clara menção ao temor da castração, em seu sentido literal, como perda do sentimento viril masculino. É neste grupo que Jack consegue chorar pela primeira vez e sentir-se aliviado e capaz de dormir.

A imagem subliminar de Tyler com os braços cruzados e um leve sorriso bem atrás do médico pode ser interpretada como sugestão do uso da violência no Clube da Luta como recurso de expressão de masculinidade e um meio de descarga emocional, nos moldes do fenômeno da catarse, teorizada por Aristóteles. Um exemplo é a adesão de Bob ao clube, um homem que perdeu os testículos e desenvolveu mamas durante o tratamento com hormônios, abandonando o grupo de auto-ajuda: “Encontrei algo bem melhor agora! Bom... a primeira regra é: eu não posso falar sobre isso...” (Bob, Clube da Luta).

Tempo	Movimento Câmera	Descrição da Cena	Diálogos (Áudio)
05':56''	Primeiro Plano	Consulta com o médico	Jack pede remédios para dormir.
06':02''	Primeiro Plano	Jack com cara de desânimo	Médico: Não. Precisa é de sono natural e saudável.
06':06''	Primeiro Plano	Médico com Jack ao fundo	Médico: Coma raízes de valeriana e faça exercícios.
06':11''	Primeiro Plano	Jack em pé	Jack:Doutor, estou sofrendo.
06':13''	Primeiro Plano	Médico no corredor	Médico: Quer ver sofrimento? Vá à igreja metodista às terças à noite.
06':17''	Primeiro Plano (zoom in)	Jack	Veja os caras com câncer de testículo.
06':19''	Primeiro Plano	Médico	Isso é sofrer!
06':19''	Primeiro Plano	Subliminar: Durden atrás do médico de braços cruzados e óculos escuros	



Figura 3 – Segundo instante subliminar (velocidade aproximada de 0,06 segundos)

3.3 - Terceira ocorrência de Subliminar

O relato de Thomas, um paciente com câncer nos testículos, sobre o filho que sua ex-mulher teve com o novo marido é carregado de um sentimento de inferioridade e impotência. Esse sentimento é compartilhado com as pessoas do grupo que também são

instigadas a se abrirem umas às outras. Ver aquelas pessoas sofrendo fazia Jack se compadecer e, simultaneamente, mesmo que de forma implícita, lhe causavam certo alívio por não estar naquela situação. A sua experiência com dor, morte e sofrimento continuou sendo, mesmo em contato com os doentes, assim como na TV ou cinema, algo mediado se levarmos em conta que ele não sofria de nenhum mal e apenas assistia.

A imagem de Tyler Durden ao lado do mediador, com o braço esquerdo apoiado em seu ombro, como se estivesse dando seu apoio, e a frase que Jack diz ao narrar o momento em que conseguiu chorar: “Encontrei liberdade. Perder todas as esperanças era a liberdade” (Jack, Clube da Luta), refere ao fenômeno da ruptura como sinal de renascimento, de liberdade.

Durden era o que Jack precisava ser: corajoso, despreocupado, decidido e convincente. Esses elementos compõem a expressão da masculinidade, não como gênero, mas como característica relacionada ao ser ativo, algo que o ajudaria a abandonar tudo e seguir um novo caminho. Reconstruir a partir do destruído, assim como ele fez após a explosão do seu apartamento, metáfora de ruptura com sua vida consumista e sem sentido, onde havia móveis que ele não precisava “...nenhuma comida e um armário cheio de condimentos” (Jack, Clube da Luta), assumindo uma postura de desprezo pelos bens materiais e às pessoas ou entidades que contribuía para a situação.

Tempo	Movimento Câmera	Descrição da Cena	Diálogos (Áudio)
06':42''	Primeiríssimo plano	Mediador na sala de reunião	Percebo muita coragem nessa sala.
07':25''	Primeiríssimo Plano	Participante	Mediador: e isso me dá forças.
07':27''	Primeiríssimo plano	Mediador	Nós damos forças uns aos outros.
07':29''	Primeiro Plano	Jack	Mediador: Está na hora das duplas...
07':31''	Primeiro Plano	Participantes	Vamos seguir os exemplos de Thomas nos abrir
07':56''	Plano Médio	Subliminar: Tyler com o	

		braço escorando no ombro do mediador e a outra mão no bolso	
--	--	---	--



Figura 4 – Terceiro instante subliminar (velocidade aproximada de 0,06 segundos)

3.4 - Quarta ocorrência de Subliminar:

Jack acompanha de longe a saída de Marla da reunião do grupo de homens com câncer nos testículos. A presença de uma mulher no local pode ser interpretada como irônica, mas ninguém a impede de frequentar. Dizer coisas sobre a mutilação do órgão reprodutor masculino na frente de uma mulher é, sem dúvida, constrangedor para quem sente sua masculinidade afetada. O próprio nome do grupo sugere isso: “Ainda somos homens”.

A imagem de Marla subindo a rua é sobreposta subliminarmente pela de Tyler Durden, com uma jaqueta vermelha e um cigarro na boca. Temos a impressão de que Jack e Durden estão cara-a-cara, se vendo, que eles se encontraram, mas ainda não houve a apresentação da outra personagem, o que ocorrerá pouco depois. O comportamento de Jack começa a mudar depois de estranhos acontecimentos que a porção de si mesmo negada (Tyler) provocou.

Nesta parte do filme, Jack sente-se ameaçado pela presença de Marla: mais uma pessoa mentirosa saudável que estava atrapalhando sua participação nos grupos de apoio aos doentes. Sem dormir a quatro dias por não desabafar o que lhe incomodava através do choro, ele demonstra o desejo de desmascará-la na frente de todos. Essa seria uma atitude típica de Durden, impulsiva e espontânea.

Para Marla Singer, as sessões de terapia de grupo eram “mais barato que cinema e tinham café de graça”. Jack revela na conversa em que dividiram os grupos para não

se encontrarem mais, que o motivo de freqüentá-los é porque “Quando pensam que você está morrendo eles realmente prestam atenção em você...”.

Tempo	Movimento Câmera	Descrição da Cena	Diálogos (Áudio)
12’:37”	Primeiríssimo plano	Jack olha Marla indo embora	
12’:39”	Plano Médio	Subliminar: Durden de óculos, fumando.	



Figura 5 – Quarto instante subliminar (velocidade aproximada de 0,06 segundos)

3.5 - Quinta ocorrência de Subliminar:

Nas últimas cenas do filme, Jack consegue finalmente se libertar do seu lado “Tyler Durden”. Um tiro na boca foi uma espécie de suicídio que matou apenas um de seus *eus*. Este ponto de ruptura através da auto-flagelação o fez retornar ao equilíbrio, porém era tarde demais para impedir as explosões dos edifícios das administradoras de cartões de crédito, que destruídos, provocariam um colapso no sistema financeiro, não havendo mais controle ou registros sobre os devedores.

Jack e Marla assistem de mãos dadas, do alto de um edifício os prédios ruírem um a um. Ela se compadece de sua situação deplorável e ele revela que se conheceram em um momento muito estranho de sua vida. O casal problemático vive um momento de “final feliz”, tão comum na indústria cinematográfica.

Deformações na imagem, na medida em que a música de fundo aumenta o volume, atraem atenção e preparam o espectador para a inserção de uma figura de

homem nu sublinamente, com um tempo de exposição um pouco maior que as demais. Essa mesma figura já havia sido mostrada anteriormente no momento em que Jack falava sobre o trabalho de Tyler com os projetores de cinema, inserindo pornografia em filmes infantis.

A figura do pênis sobreposta ao casal de mãos dadas remete ao sexo como forma de liberação das tensões, de afirmação da masculinidade e do conceito psicanalítico do falo, que está relacionado ao prazer. Jack, no clube da luta, usava outro instinto primitivo, o da agressividade, para liberar emoções reprimidas.

Tempo	Movimento Câmera	Descrição da Cena	Diálogos (Áudio)
2:15':50"	Close	Jack com Marla em contraplano	Jack: Você me conheceu num momento muito estranho da minha vida.
2:15':53"	Close	Marla olha para fora	
2:15':58"	Close	Prédios explodindo	
2:16'':10"	Distorções na imagem	Pelve masculina com genitália	

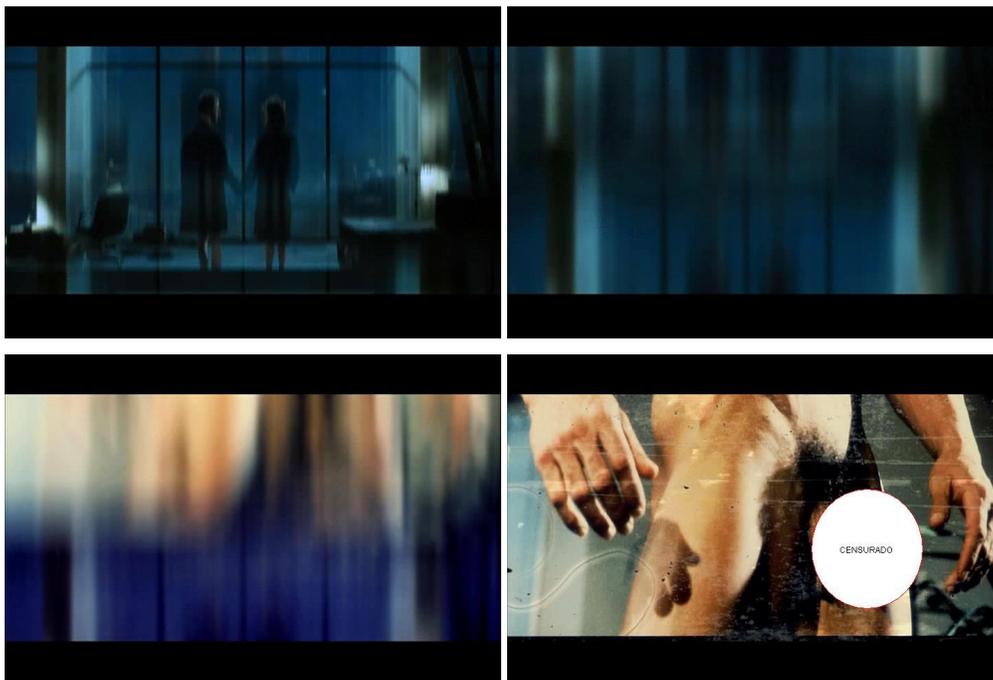


Figura 6 – Quinto instante subliminar (velocidade aproximada de 0,4 segundos)

Analisando as imagens subliminares e seu contexto na obra identifica-se o que a Psicologia Analítica, ou Psicologia Junguiana, chama de **Projeção**, que é a dinâmica pela qual o indivíduo vê conteúdos de sua própria psique que ele mesmo negou e reprimiu como estando fora de si, projetando em alguém uma parte do ego que não aceita.

A projeção é considerada um mecanismo de defesa do próprio **ego** para assumir a existência de si sem o que o incomoda. Como conceito de ego, temos a soma dos sentimentos, lembranças, percepções e idéias, que formam a parte mais superficial do indivíduo, que após tornada consciente e modificada, têm a função de aceitação e comprovação da realidade, mediante seleção e controle por parte das exigências e desejos precedentes dos impulsos que emanam do indivíduo, mas que obedecem ao princípio da realidade, adequando satisfação do id (pulsões) sem transgredir as exigências do superego (censura).

Jack projetou em Tyler características que, apesar de ter, não consegue assumir e as nega, atribuindo ao outro a culpa, o que observamos e vários instantes do filme, onde ele discute e reprova as atitudes do outro, só conseguindo elimina-las após o rito em que “mata” Durden, estirpando de si sua própria parte a qual abominava. Podemos considerar a inserção desses subliminares como recurso para explicar o mencionado mecanismo de projeção.

Na narrativa do filme, em uma espécie de metalinguagem subliminar, o assunto da inserção de imagens rápidas demais para serem captadas de forma consciente, de forma perceptível, é citado como uma das práticas de vandalismo de Tyler Durden, que arrumou um emprego de projetorista em um cinema apenas para adicionar quadros eróticos nos filmes familiares e infantis.

Calazans, Campos e Lima relataram em artigo científico apresentado na Sessão de Temas Livres no XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em Porto Alegre - RS, em 2004, tratando sobre as mensagens subliminares no filme Clube da Luta, que a intenção do autor ao inserir mensagens subliminares na obra é que “No cinema, o subliminar atinge o público de maneira desarmada, sem controle do processo de recepção e, ainda, inclinado às mais diversas e fantásticas experiências”.

Interessante é citar que, pelas próprias considerações de Calazans sobre os subliminares e seus efeitos no subconsciente, sendo captados abaixo do limite da percepção consciente, não pode haver então uma forma de atingir o público de forma “armada”, pois ele estaria sempre desarmado.

De maneira geral, o espetáculo cinematográfico tem sido associado ao estado alucinatório, de hipnose ou de sonho, o que amplia seus poderes de dissuasão. Para Christian Metz a obscuridade da sala de projeção leva a um “estado fílmico” que *beira o devaneio e possibilita a hipnose coletiva*. Barthes classifica o momento de assistir ao filme como de entrega, imobilidade, não reação e sonho consentido. O espectador, expropriado de sua capacidade crítica por aqueles momentos, volta à vida com o acender das luzes. (Meneguelo, 1996, p.102)

Segundo Thompson, no texto *O Eu e experiência num mundo mediado*, no espetáculo cinematográfico ou qualquer outro meio onde não há uma interação face a face, ou seja, aquela mais íntima que implica um fluxo de ações e expressões, perdas e ganhos, direitos e obrigações que ocorrem nos dois sentidos, o receptor encara a experiência mediada de forma seletiva, dando mais atenção ao que lhe interessa e filtrando de forma crítica.

Thompson revela, entretanto, que devido ao excesso de informação o indivíduo se perde, enfrentando um deslocamento simbólico em um mundo onde a capacidade de experimentar não está mais ligada à atividade do encontro, pode se dar de maneira virtual ou visual. O excesso de informação e materiais simbólicos podem não apenas enriquecer, mas distorcer e desorientar o processo de formação da personalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tratar de um assunto tão complexo requer muita atenção para não cairmos no senso comum de acreditar piamente ou negar com convicção. As mensagens subliminares existem e são empregadas em vários meios de comunicação, não há como negar que a intenção de manipulação exista, mas temos que considerar o fato de ter um conteúdo que certamente não afetará da mesma forma todos os receptores, muito menos torná-los robôs que obedecem a comandos.

A publicidade, que trabalha com resultados, acusada de empregar subliminares de forma inescrupulosa, sabe que melhor que se arriscar é utilizar a boa e velha sedução para atingir seu objetivo. Muitas vezes a propaganda é extremamente criativa a ponto de chamar atenção ou cair no gosto e tornar-se expressão popular, outras vezes chata e inconveniente, mas “prega como chiclete na cabeça” de quem ouve.

Perguntas podem ser feitas: O que tem um poder maior de sedução, uma mensagem mandando comer pipoca subliminarmente durante a exibição de um filme ou o cheiro gostoso da pipoca quentinha aliado à fome? Uma frase “Beba Coca-Cola” ou a imagem de uma pessoa jovem e bonita te oferecendo uma garrafa molhada por fora, com um líquido gelado que borbulha ao encher o copo em um momento de calor intenso?

As pesquisas selecionadas para esta monografia demonstram que o cérebro capta o que não vemos de forma consciente, que as áreas envolvidas são as mesmas, também comprovam que as mensagens subliminares afetam a ação enquanto processo psicomotor, no instante em que são empregadas, prejudicando a atenção do indivíduo para desempenhar tarefas também instantâneas, mas a eficácia na manipulação da vontade, agindo de forma hipnótica, burlando qualquer tipo de filtragem ou questionamento crítico, em longo prazo, não foi provada.

O uso de subliminares no filme Clube da Luta foi um recurso inteligente para atrair atenção. Um filme violento, com mensagens anti-consumistas, que teve como personagem um galã de Hollywood (Brad Pitt) no auge do sucesso interpretando um personagem subversivo, que agrupou pessoas para atos de terrorismo e acrescentava cenas de pornografia em filmes para crianças, somado às mensagens subliminares inseridas pelo próprio diretor do filme como recurso inovador na narrativa fílmica, tinha tudo para virar notícia e alcançar publicidade espontânea.

No filme, o subliminar se tornou arte, seja relacionado a compor significado, seja no tratamento dos quadros com a inserção da figura de Brad Pitt, muito bem feita na maioria dos casos, dando a impressão de que foi algo filmado e não “colado”. As figuras exibidas nesse trabalho evidenciam a montagem.

A maior parte dos autores e estudos apresentados tem a opinião comum de que a consciência também age movida por estímulos ou impulsos inconscientes e nem todas as decisões humanas estão reguladas por mecanismos conscientes. Emoção e cognição parecem atuar de forma não consciente, mas somente o resultado da atividade cognitiva e emocional é percebido de maneira consciente.

Pötzl, Dichter e Le Doux relataram sobre estímulos absorvidos que não ganharam forma de conteúdos conscientes, mas que poderão ser armazenados e depois influenciar o comportamento. Este pensamento confirma a teoria de Freud sobre o funcionamento do inconsciente.

Os resultados encontrados nas pesquisas confirmaram experimentos anteriores, onde se verificou que as emoções, atitudes, objetivos e intenções podem ser ativados sem a participação da consciência e podem influenciar o modo de pensar e agir dos indivíduos nas situações sociais.

Foi observada a forma com que a memória operacional age sustentando o ato da cognição por tempo suficiente para que as informações sejam retidas pela memória de longa duração, permitindo simultaneamente o gerenciamento de atividades correntes de cognição, entre elas a atenção e suas diferentes formas, sofrem influência de fatores externos, como estímulos visuais subliminares ou convencionais, e de fatores internos como os níveis de neurotransmissores, hormônios e outras substâncias neuroativas ou das próprias emoções desencadeadas por estímulos internos e externos.

Esse conjunto de fatores faz com que a subliminaridade não comece em um ponto estático e invariável para qualquer receptor da mensagem. Os limites da percepção consciente variam de pessoa para pessoa, por esse motivo a Psicologia diferencial diz que devem ser considerados na variação da percepção, dados como sexo, idade, grau de instrução e nível cultural. O conjunto dessas variáveis é condicionante da subliminaridade e deve ser avaliado ao trabalhar com o assunto.

O desconhecido mexe com a imaginação das pessoas e, no caso das mensagens subliminares, levou a especulações que colaboram com a cultura do medo. Os oportunistas usam esse medo como meio de manipulação.

Muitos são os sites sobre mensagens subliminares na internet, a maioria deles com conteúdo sensacionalista, carregado de meias verdades, usando partes de pesquisas para forçar a confirmação de conteúdos fantasiosos que beiram o absurdo, tratando inclusive o subliminar como influência maligna, obra do demônio. (Anexo C).

Os caçadores de mensagens subliminares as encontram em qualquer lugar, sejam no formato das árvores, montanhas, obras de arte, desenhos, propagandas etc. Lembram crianças brincando de encontrar figuras nas nuvens, só que estas pessoas não enxergam bichos ou brinquedos, mas algo mais comum à sua realidade bizarra (armas, órgãos sexuais, demônios...).

O comportamento humano é carregado de atitudes nem sempre conscientes, produzidos por sistemas cerebrais de atividades não conscientes. Uma das principais tarefas da consciência é fazer da nossa vida uma história coerente e cabe ao cérebro montar essa coerência, dando explicações para nosso comportamento. Para executar tal tarefa ele se baseia em nossa auto-imagem, lembranças, expectativas, situação social e meio ambiente físico.

Podemos considerar que grande parte da vida mental humana acontece fora dos limites da percepção consciente e uma série de fatores devem ser levados em consideração quando se estuda efeitos cognitivos.

BIBLIOGRAFIA

BARTHES, Roland, COMPAGNON, A. Leitura. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1987. v.11, p.184-206.

BIGHETTI, Heraldo. *Propaganda Subliminar e outras lendas urbanas*. In: Revista da ESPM, São Paulo, Edição Especial, Março/Abril, 2003. p.121-131.

BORINE, M. S. (2007). *Consciência, emoção e cognição: o efeito do priming afetivo subliminar em tarefas de atenção*. Ciências & Cognição; Ano 04, Vol 11, 67-79. Disponível em <www.cienciasecognicao.org>.

CALAZANS, Flávio Mário de Alcântara. *Propaganda Subliminar Multimídia*. 6° Ed. São Paulo, Summus editorial, 1999.

CAMPOS, R.M.M.; CALAZANS, F.M.A.; LIMA, A.C.A.. *Tecnologia Subliminar e Linguagem Cinematográfica: Estudo de Caso do Filme Clube da Luta*. In: Congresso brasileiro de ciências da comunicação, 27., 2004. Porto Alegre. Anais... São Paulo: Intercom, 2004. CD-ROM.

CENDOTEC / CEA. *Imagens subliminares e percepção*. In: França-Flash, Cooperação e Pesquisa, n° 18, p. 7, Cendotec, Brasil, 1999.

DICHTER, E. *Las motivaciones del consumidor*. 2° Ed., Buenos Aires, Columba, Sudamericana, 1970.

FERRÉS, Joan. *Televisão Subliminar, socializando através de Comunicações despercebidas*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

FREUD, Sigmund. *Carta 52* (1896).

JUNG, Carl Gustave. *A dinâmica do inconsciente*. Petrópolis, Vozes, 1984.

KEY, Wilson Bryan. *Subliminal Seduction*. Nova York, Signet Books, 1974.

KLEBIS, Daniela. *Mensagem subliminar: paranóia ou ciência?* . Disponível em: <<http://comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=11&id=79>>. Acessado em: 26 junho 2007.

KOFFKA, Kurt. *Princípios da Psicologia da Gestalt*. São Paulo, Cultrix e USP, 1975.

LANG, BRADLEY E CUTHBERT. (2005). *IAPS, International Affective Picture System*. Laboratory attention and emotion, Florida University; Gainesville.

LE DOUX, J. (2001). *O cérebro emocional*. Rio de Janeiro; Ed. Objetiva.

MENEGUELLO, Cristina. *Poeira de Estre las: O Cinema Hollywoodiano na Mídia Brasileira das Décadas de 40 e 50*. Campinas: Ed. Unicamp, 1996 (Coleção Viagens da Voz).

MERIKLE, M. *Investigações psicológicas de percepção inconsciente*. Diário de estudos da consciência. USA, 1992.

MYERS, D.G. *Introdução à Psicologia Geral*. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 1999.

THOMPSON, John B. *O Eu e experiência num mundo mediado* in: *A mídia e a modernidade* Cap. 7. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

ANEXOS

ANEXO A

Murro na cara

Violento, sufocante e original. Assim é *Clube da Luta*, o retrato de uma geração

Isabela Boscov

Twentieth Century Fox



Edward Norton, que interpreta o narrador do filme: hematomas no lugar do vazio existencial

A cena inicial já é um choque. Depois de uma viagem acelerada pelo que parece ser um cenário abstrato, mas é na verdade o interior de um corpo humano, a câmara desemboca no cano de uma arma. Que, por sua vez, está dentro da boca do narrador do filme. Como, afinal, ele foi parar nessa situação é o assunto de que se ocupa *Clube da Luta* (*Fight Club*, Estados Unidos, 1999), que estréia nesta sexta-feira em circuito nacional. Dirigido por David Fincher, o mesmo cineasta do mórbido *Seven*, esse estranho híbrido de suspense e comédia vem causando polêmica desde antes de seu lançamento. Em linhas gerais, a fita de Fincher trata de homens que voltam a se sentir vivos e viris ao participar da organização clandestina do título, na qual trocam socos com uma vontade que beira a selvageria. É um assunto delicado na Hollywood de hoje, atemorizada por se encontrar no centro de um acalorado debate sobre o suposto poder da mídia de incitar à violência. Mas dizer que *Clube da Luta* estimula os baixos instintos, ou discorre unicamente sobre eles, seria uma simplificação grosseira.

Voltando seis meses no tempo a partir do instante em que está com a arma na boca, Jack, o narrador do filme (interpretado por Edward Norton), conta à platéia suas agruras. Seu emprego e sua vida são de uma esterilidade absoluta. É a razão de seu apego a catálogos de compras – "Qual o aparelho de jantar capaz de me definir como pessoa?", ele se pergunta – e de sua insônia crônica. Na tentativa de curá-la, Jack vicia-se num tipo bizarro de droga. Todas as noites, ele frequenta grupos de auto-ajuda para doentes terminais, quando chora copiosamente. Depois de fazer essa espécie de catarse, consegue dormir. O "remédio" pára de funcionar no momento em que ele identifica outra turista nas reuniões: Marla (a atriz Helena Bonham Carter), uma deprimida que, nas palavras de Jack, o irrita "como uma ferida no céu da boca que sararia se eu conseguisse parar de cutucá-la". De volta à insônia, ele encontra outro tipo de salvação em Tyler Durden (Brad Pitt). Durden, um sujeito que às vezes trabalha como projecionista só para inserir fotogramas pornográficos em filmes infantis, é quem lança a idéia dos sopapos. Os dois se tornam inseparáveis e formam o clube da luta. A

organização ganha adeptos rapidamente, até se transformar num fenômeno de dimensões assustadoras e feições neofascistas.

Baseada num romance escrito pelo mecânico Chuck Palahniuk, a história de *Clube da Luta* é intrigante por si só. Fincher, no entanto, trata de amplificá-la, filmando-a com extrema ousadia. O humor corrosivo, a ferocidade das imagens e as sugestões homoeróticas chegam até o espectador por meio da câmara esquizóide do diretor, tão incapaz de se concentrar como seus personagens. Não é fácil para a platéia acompanhar essa saturação. Mas é impossível também ficar indiferente a ela. Fascista ou antifascista? Pró-violência ou antiviolência? Cômica ou sinistra? Desde que foi exibida pela primeira vez, no Festival de Veneza deste ano, a fita vem dividindo opiniões. Mesmo entre seus defensores, não é difícil encontrar quem tema que ela estimule a platéia a copiar o que viu na tela. Acusação idêntica pesou sobre outros filmes que abordavam a violência de maneira crua, como *Laranja Mecânica*, de Stanley Kubrick, e *Assassinos por Natureza*, de Oliver Stone. Confrontado com essa possibilidade, o ator Edward Norton é contundente. "É absolutamente legítimo que a arte examine nossas disfunções. Sugerir o contrário é uma forma de negação. E tenho mais medo das conseqüências da negação do que das desse filme", declarou.

David Fincher certamente não é o primeiro cineasta americano a atacar o vazio espiritual engendrado pela era do consumismo ou a lamentar o vácuo em que caiu a masculinidade neste final de século. Mas está entre os primeiros a falar desses temas não como um observador, e sim como um dos que se contam entre os atingidos. Para a escritora Susan Faludi, autora do livro *Stiffed: the Betrayal of the American Man* (O Homem Americano, Traído e Abandonado), o filme é um marco. Ao diagnosticar o dilema de homens que chegaram à virada do milênio sem papéis sociais úteis a desempenhar, escreveu Susan na revista *Newsweek*, *Clube da Luta* pode ser classificado como uma espécie de *Thelma & Louise* masculino. A diferença, diz a escritora, é que no momento em que trocavam o secador de cabelo por uma arma as duas protagonistas do filme de 1991 sabiam muito bem contra quem apontá-la – a sociedade patriarcal. Já os personagens representados em *Clube da Luta* têm pela frente uma batalha intramuros.

Esse diagnóstico acertado não é o único mérito da fita. Além da criatividade efervescente de Fincher, há que destacar as extraordinárias atuações, em especial a de Edward Norton. Ele é um desses atores que, sem apelar para o histrionismo, conseguem desvendar para a platéia a complexa jornada interior do personagem. Com seu estilo hiperbólico, seu ritmo impaciente e suas contradições morais, *Clube da Luta* é o primeiro retrato visceral de uma geração americana que, de tão enigmática e mal resolvida, foi apelidada justamente de geração X. Que um filme como esse tenha atravessado as malhas de um grande estúdio como a Fox, então, é um feito que merece ser comemorado.

Fonte: Revista Veja, Edição 1621, 27/10/1999.

Disponível em: http://veja.abril.com.br/271099/p_196.html.

Acessado em 12/11/07

ANEXO B

Incômoda reflexão - Cinema e Realidade Acusado de incitar a violência, 'Clube da luta' é uma caixa de surpresas para quem vê além da tela.

Mônica Ribeiro - Repórter do Tribuna de Minas.

"De médico e de louco, todo mundo tem um pouco". Nunca um dito popular traduziu tão perfeitamente a multiplicidade humana. Somos capazes das mais surpreendentes reações quando submetidos a situações-limite. E mesmo no dia-a-dia, pequenas coisas costumam despertar ações que nos dão susto, que aparentam uma espécie de "possessão". É a hora do espanto, à qual somos submetidos vez por outra, e que freqüentemente choca não só a nós, mas àqueles que convivem conosco, que pensam nos conhecer muito bem. Novas situações surgem todos os dias, e justo por isso, pelo novo, não temos idéia do tipo de reação que podemos manifestar. A não ser que sigamos em frente e exploremos até o fundo.

Todos os dias.

Essa é uma das situações evidenciadas pelo filme "Clube da luta", de David Fincher. A produção, que traz no papel central o ator Edward Norton, vem despertando controvérsias desde seu lançamento. No Brasil, essa polêmica vem sendo acirrada desde a madrugada do último dia 4/11/99, quando um estudante de medicina de 24 anos entrou numa sessão do filme, no Morumbi Shopping, e disparou tiros de uma submetralhadora na direção do público que assistia à produção. Antes de esboçar qualquer reação, é necessário levar em conta que o sujeito tinha problemas de conduta e personalidade, agravados desde a adolescência, além de um envolvimento com drogas.

É preciso ainda lembrar que o material de divulgação engana: mostra um bando de homens brigando pela simples luta em si. Olhos roxos, cortes da carne e músculos rijos se multiplicam pelos corpos sem camisa e sem sapato que entram no meio do círculo para brigar. Aparentemente, mais um filme de Van Damme, Stallone ou qualquer um de seus clones surgidos nos últimos anos no cinema. Engano. Quem assistir à obra de Fincher e encontrar apenas brigões se revezando, com certeza precisará rever a fita para conectar alguns fios que deixou do lado de fora da tela. Metáforas sobre o mundo atual estão acima da trama Edward Norton interpreta Jack, yuppie que trabalha numa agência de seguros e tem uma vida regrada, totalmente adaptada ao sistema de valores americanos. Assim, perfeitamente encaixado, Jack não está feliz. Vive na inércia. Vê as irregularidades promovidas pela agência em que trabalha, comparece ao expediente todos os dias trajado de forma impecável, tem um belo apartamento (em certo ponto do filme ele declara que esse apartamento, e todos os bens em seu interior, são sua vida) e é viciado em catálogos de decoração. É de sua boca que sai a frase "Qual o aparelho de jantar capaz de me definir como pessoa?"

Segue os valores do sistema e tem, como resultado, tensão em último grau, a ponto de colecionar olheiras que aumentam de extensão a cada dia, motivadas por uma insônia infundável. A forma como consegue se livrar dessa falta de sono é esdrúxula, e ao

mesmo tempo não deixa de ser engraçada: o alívio vem quando ele começa a freqüentar grupos como o dos homens com câncer nos testículos e o dos alcoólatras anônimos. Vendo o sofrimento alheio, consegue chorar, aliviar suas tensões...e dormir como um anjo no final do dia. Mas essa realidade só dura até ele encontrar Marla (Helena Bonhan-Carter), mulher que se lamenta o tempo todo por não conseguir morrer e passa também a freqüentar esses grupos. O fato de descobrir uma farsante como ele faz com que não consiga mais o alívio desejado, e a insônia volta a rondar suas noites. O mais intrigante acontece, então, quando ele conhece o esquisitão Tyler Durden (Brad Pitt), um vendedor de sabonetes com quem conversa por algum tempo durante um vôo.

Jack perde, na mesma noite em que conhece Durden, seu tão querido apartamento, com todos os bens dentro, e passa a morar com o recém-conhecido numa casa em ruínas, completamente abandonada. Os dois acabam fundando o "Clube da luta", ao perceberem que a pancadaria confere certo alívio a suas tensões. "Como você vai se conhecer se nunca esteve numa briga?", diz o novo amigo de Jack. Durden, que às vezes trabalha como projetorista só para inserir fotogramas pornográficos em filmes infantis, é quem lança a idéia dos sopapos. Os dois se tornam inseparáveis. A organização ganha adeptos rapidamente, até se transformar num fenômeno de dimensões assustadoras e feições neofascistas.

Ambigüidade

O roteiro central, no entanto, serve apenas de espinha dorsal para o desenvolvimento de uma trama cheia de metáforas bem construídas. Há referências a outros filmes, personagens e passagens já conhecidas, característica típica do pós-modernismo. Isso pode fazer com que muita gente fique "boiando", sem conseguir captar a informação. E também não adianta apenas ser ágil, como a atual geração do videogame ou aqueles que navegam na Internet. É preciso conhecimento prévio, bagagem cultural. É preciso ter lido livros, assistido filmes, ouvido músicas, enfim, ter uma série de referências catalogadas para entender o que acontece no fim das contas. Época complicada, que exige uma agilidade de pensamento e de conexões cada vez maior. "Clube da luta" consegue ser cerebral e violento ao mesmo tempo. Com certeza, muito mais cerebral do que violento.

O filme não é sobre quem vence ou perde combates. É sobre a inércia contemporânea que vivemos. E ainda, sobre como nasce a violência. No centro de tudo, o ego exacerbado. Para o Psicólogo Junguiano Jorge Braga, "Clube da luta" atinge em cheio nossa vida diária, mostrando a mediocridade em que vivemos. O personagem central testemunharia a manifestação de seu alterego, ou ego ideal. O chamado Daimon. "O Daimon vai impulsionar a pessoa para a vida. Ele é a força motriz do ego, que não tem moral e é responsável por todas as mudanças. Seria a duplicidade diabólica da consciência, a alma oculta que instiga uma mudança abrupta de padrão de comportamento e, ao mesmo tempo, oferece uma razão consciente ou uma explicação verbal. É o portador e o responsável pelo destino, o elemento responsável pela voz interior, vocação e desígnios últimos da própria alma." Para o psicólogo, a humanidade em sua essência seriam os excluídos.

Aqueles que são perfeitamente adaptados teriam sido totalmente castrados. "A natureza humana são os marginais, os que estão à margem. Esses têm mesmo o Daimon dentro de si." A sociedade cheia de valores hipócritas que vivemos nos incita a negarmos nossa agressividade e a vivermos na calma, mas como será possível viver num ambiente em

que castram a agressividade se ela é defesa pessoal e forma de vida? "A agressividade é para proteção. Posso ser pacífico quando ela está à mostra. Quando ela não está aparente, não é possível ter paz. Se a gente engole a agressividade, engole a própria pulsão de vida. Não tem defesa," completa Braga.

A negação desse lado proporciona a origem da violência, que surgiria no momento em que as pessoas estão no avesso da vida, quando a agressividade deixa de ser defesa para ser ataque. "A vida está sendo castrada, reprimida. O filme denuncia onde está o núcleo mesmo da violência: a vida engolida, a necessidade de atender a expectativas forçadas. O mais interessante é o fato de o personagem principal ter encontrado vida num lugar de luta. Você só sabe o que é 'inqueimável' em si quando entra na fogueira." Quando Jack assume a força do Daimon, o final é inevitável. A única forma de acabar com a situação que o aflige é indo fundo, matando o que o estava matando - a divisão.

Forças antagônicas

A força destruidora e a criadora andam juntas. Assim, a vida seria feita de destruição e construção. Braga lembra que isso transparece também no filme em diversos momentos, notadamente quando se tem o objetivo de destruir os monumentos públicos, baluartes da cultura cujos valores oprimem. "É por isso que hoje se picham prédios e heróis de bronze, inúteis." Fincher deixa claro que há momentos em que não temos como nos engajar ao sistema. A única alternativa seria colocá-lo no chão para ver o que surge em seu lugar. A experiência que o filme retrata não é a de alguém que vai apenas espancar o outro. É a de alguém que entra numa jornada contra tudo que lhe foi ensinado, a fim de, finalmente, sentir alguma coisa. Com dor.

O objetivo do "Clube da luta", no fim das contas, é o engajamento na idéia de que se quer saborear a própria vida quando não se sente mais nada. Como é possível se sentir livre cercado por medos, castrado pelo sistema? É preciso ir fundo. Como diz o próprio Edward Norton, a função dos filmes nem sempre é só divertir. Um soco nas feridas da sociedade, Cinema e realidade. As coisas que possuímos acabam nos possuindo." O filme de David Fincher é uma colagem enorme de metáforas, que se revelam em número e abrangência cada vez maiores a cada vez que o assistimos. Há referências à civilização "sem cheiro próprio" que nos tornamos, ou como o próprio Durden define, à "civilização do sabonete".

Para fabricar seu produto, ele utiliza gordura humana, roubada de clínicas de lipoaspiração, e ainda ironiza a atitude ao vender os sabonetes para uma refinada loja em um shopping - as mulheres têm de volta aquilo que jogaram fora. A trama coloca em frangalhos cada fragmento do american way of life, questiona o sistema. Mostra as saídas extremas encontradas para burlar os valores por ele impostos. Entre elas, o Clube da Luta e a manifestação do terrorismo que acaba advindo ele. A violência é extrema em muitos momentos. Como no caso da ameaça feita por Durden a um jovem, pressionando-lhe a cabeça com um revólver (descarregado, é verdade).

Estudando ciências biológicas, o menino revela que, na verdade, queria ser veterinário. Durden não titubeia - dá a ele seis semanas para estar cursando veterinária. Caso não o faça, irá atrás dele e o matará. Parece uma situação familiar aos vestibulandos essa história de fazer um curso querendo outro. Mas a coisa não termina aí. Diante do espanto de Jack com seu ato, Durden dispara: "amanhã será o dia mais bonito da vida dele. Ele tomará o melhor café e fará todas as coisas de forma mais eficiente".

As situações chegam a ser patéticas. O conflito com o patrão, adiado por Jack durante muito tempo, explode numa das cenas mais impressionantes do filme. Quando ouve que está demitido, ele se bate e se joga contra mesas e estantes de vidro, sempre gritando, e quando a segurança entra na sala, tem a certeza de que o patrão bateu a valer no empregado.

Espelho

"Charles Manson ouvia "Helter Skelter". Será que por isso devemos culpar os Beatles pelos crimes dele? Acho que é importante, em qualquer forma de arte, que ela coloque o espelho diante do que não funciona bem. A função dos filmes nem sempre é ser entretenimento fácil. Limitar essa discussão por medo das eventuais conseqüências seria mais perigoso, porque seria uma negação do que está por aí. Além disso, acho que as imitações, quando acontecem, são muito efêmeras," define o próprio Edward Norton em comentários sobre o cinema e o que ele representa.

Fonte: Internet

Disponível no site http://www.vwgdesign.com.br/vwgdesign/docs/clube_da_luta.PDF

Acessado em 16/11/07

ANEXO C

OS SUBLIMINARES E O DEMÔNIO

Gian Danton

Você alguma vez já comprou algo que não precisava e depois se perguntou por quê? A razão pode estar nas propagandas subliminares. Subliminar é tudo aquilo que vai direto para o inconsciente. É uma percepção abaixo do nível de consciência. Estudos recentes têm mostrado que essa técnica tem sido cada vez mais utilizada por publicitários para vender os mais variados tipos de produtos.

A explicação fisiológica para os subliminares está na estrutura do olho. Nossa pupila é formada por células bastonetes, que ficam na periferia, e a fóvea, que fica no centro. O que é captado pela fóvea é percebido conscientemente. O que os bastonetes captam, fica como subliminar. Neste momento, por exemplo, sua fóvea está focada nas letras, enquanto seus bastonetes captam o que está em volta (o banner e o menu lateral, por exemplo).

A pesquisa sobre o assunto tornou importante classificar os tipos de subliminares. Descobriu-se que há dois tipos: os sintáticos e os pragmáticos.

Os subliminares sintáticos são aqueles que fazem parte da linguagem da mídia e, na verdade, só ajudam a transmitir uma mensagem que já está expressa. Por exemplo, desenhos eróticos escondidos em uma história em quadrinhos erótica. Na verdade, toda linguagem tem algum tipo de subliminar sintático. Um amigo meu, pesquisando sobre a diagramação de jornais, descobriu que as colunas exercem uma função subliminar, dando ao leitor a impressão de que o texto é menor do que ele realmente é e facilitando a leitura.



Um exemplo maravilhoso de subliminar sintático é o filme '*Clube da Luta*'. Durante toda a primeira parte do filme, o personagem de **Brad Pitt**, *Tyler Duder*, aparece subliminarmente em várias situações-chave. A função dessas aparições é preparar o leitor para sua aparição posterior e para a revelação de que ele é, na verdade, uma criação do personagem principal, que tem problemas de dupla personalidade. Os subliminares de '*Clube da Luta*' são sintáticos, pois só ajudam a contar uma história que já está expressa.

Os quadrinhos também são uma linguagem essencialmente subliminar. Poucas pessoas lêem o texto e os desenhos. Normalmente o foco é dado no texto dos balões e as ilustrações ficam como subliminares.

No outro extremo, há os subliminares pragmáticos. Nesse caso, o subliminar não tem relação nenhuma com a mensagem expressa. É o caso, por exemplo, de um subliminar erótico em um filme infantil, como a mulher nua que aparece em uma cena do desenho animado '*Bernardo e Bianca*'.

Enquanto os *subs* sintáticos têm como objetivo ajudar a transmitir a mensagem, os *subs* pragmáticos querem levar o receptor a algum tipo de comportamento, geralmente comportamento de compra. Numa analogia, eles são como vírus de computador. Ficam alojados em nosso cérebro, prontos para entrarem em ação no momento certo. Quando a



pessoa estiver no supermercado, escolhendo entre várias marcas de refrigerante, o subliminar vem à tona, fazendo-a comprar o refrigerante "X".

Subliminares sintáticos não são prejudiciais e sem eles muitos filmes, histórias em quadrinhos e até novelas, seriam incompreensíveis. Por outro lado, os subliminares pragmáticos são anti-éticos e demandam uma legislação que os proíbam. Sua utilização para vender produtos fere o direito de livre-arbítrio do consumidor, pois ele compra sem saber porque está comprando.

Assunto sério, pesquisado por pessoas sérias, os subliminares virou, recentemente, uma febre. Fanáticos religiosos montam sites e *ONGs* para denunciar supostos subliminares em músicas, filmes e até histórias em quadrinhos. Como toda linguagem usa subliminares sintáticos, é praticamente impossível encontrar um filme que não tenha subliminares. É prato cheio para que esses fanáticos denunciem a presença de *Satã* em tudo, de músicas de *Roberto Carlos* a histórias em quadrinhos do *Penadinho*.



Alguns são claramente exemplos do que não se pode considerar subliminar. Um site sobre subliminares apresenta como exemplo de subliminares satânicos uma história do *Penadinho* em que um homem faz um pacto com o diabo. Ora, se o pacto está ali, para todo mundo ver, não há subliminar. O que é consciente não é subliminar.

Em outras situações esses sites forçam a barra o quanto podem para provar que o demônio está dominando o mundo de maneira subliminar. Tocam músicas ao contrário e, quando o resultado não apresenta nada compreensível, como acontece com uma música da *Xuxa*, inventam que a frase incompreensível é na verdade uma invocação ao demônio em uma língua esquecida que só o dono do site parece conhecer.

Além disso, esses sites apresentam exemplos e mais exemplos de pessoas que teriam cometido crimes influenciadas por um satã subliminar. Exemplo: Na Guatemala uma garota matou os pais depois de assistir a uma fita do desenho animado '*O Rei Leão*'. Tais sites não dizem quem é a garota, quando aconteceu o crime, onde, que variáveis podem ter influenciado no comportamento da menina. E, principalmente: não dizem de onde tiraram essa informação. Em outras palavras: picaretagem pura. Como diria *Carl Sagan*, em um mundo assombrado por demônios, a ciência verdadeira é uma vela que ajuda a lançar luz sobre a escuridão. Daí a importância de que pesquisadores sérios se debrucem sobre o assunto.

Gian Danton é jornalista com mestrado em comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo e já participou e/ou trabalhou em vários jornais e publicações. Tem dois livros publicados. Um artigo na coletânea '*Histórias em Quadrinhos no Brasil - teoria e prática*' e '*Os Gatos*', um livro infantil com ilustrações de *José Aguiar*, *Luciano Lagares* e *Antonio Eder*. Seu trabalho mais recente na área editorial foi o roteiro e a edição da revista '*Manticore Especial*'.

Fonte: Internet

Disponível em: http://www.ligazine.com.br/colunas/cl_calazanismo/calazans_14.htm
Acessado em 14/11/2007.